Entre o abandono e o idílio – representações sociais dos territórios rurais em Portugal

Elisabete Figueiredo
Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro

Territórios rurais, transformações e representações sociais

A maior parte das áreas rurais na Europa, com particular destaque para as áreas rurais mais frágeis e periféricas, tem sofrido transformações dramáticas e complexas, especialmente devidas a processos de mudança mais globais. Tal circunstância leva a que, embora os territórios rurais sejam frequentemente entendidos pela generalidade da opinião pública, como contextos imutáveis e intocados, estejam na verdade, desde há muitas décadas, sob constantes processos de mudança e transformação. Uma das principais transformações relaciona-se de perto com as mudanças observadas na atividade que durante muito tempo caracterizou os territórios rurais – a agricultura –, mudanças essas que vieram alterar as paisagens, os modos de vida, a estrutura social e económica daqueles territórios, seja através de processos mais ou menos rápidos de modernização, seja – como é mais frequentemente o caso no contexto português – através de dinâmicas acentuadas de abandono e declínio. As consequências destas transformações não são, naturalmente, homogéneas, desde logo porque os territórios rurais também o não são, variando de acordo com os países e as regiões a que nos referimos. No entanto, como já foi abundantemente analisado para o contexto europeu, uma das principais consequências daquelas transformações, foi a perda do monopólio (sobretudo em termos económicos) da atividade agrícola[1] nas áreas rurais e a progressiva transformação destas em espaços multifuncionais[2], situação que adquire maior expressão nos territórios mais frágeis e vulneráveis do ponto de vista demográfico, social e económico.

Apesar da sua enorme diversidade, variando desde territórios periurbanos e dinâmicos, até aos mais marginais e remotos, as áreas rurais portuguesas – especialmente as do último tipo – estiveram igualmente sujeitas a processos importantes de transformação[3] que se intensificaram bastante após a adesão do país à União Europeia, em 1986, cujas orientações – particularmente a aplicação da Política Agrícola Comum – conduziram ao reforço das dinâmicas de 'desruralização' e 'desagriculturação' e, consequentemente, ao abandono e declínio de muitos territórios rurais[4]. Atualmente muitos destes territórios são crescentemente considerados como espaços multifuncionais – ainda que, na maior parte deles, a multifuncionalidade esteja ainda amplamente por cumprir[5]– nos quais as atividades produtivas, como a agricultura e a floresta, se devem articular com atividades mais orientadas para o consumo, particularmente o turismo e o recreio[6]. Além destas atividades associadas ao turismo e ao lazer, os territórios rurais, ditos multifuncionais, parecem poder desempenhar igualmente funções associadas à proteção do ambiente e da natureza[7], à preservação

[1] E.g. Jollivet, 1997; Mormont, 1994; Oliveira Baptista, 1993, 1996, 2006
[2] E.g. Figueiredo, 2011
[3] E.g. Figueiredo, 2003, 2011; Moreno, 2007; Nave, 2003; Oliveira Baptista, 1993, 1996, 2006; Portela, 2003; Rolo, 1996
[4] Barreto, 2000; Covas, 1999; Figueiredo, 2003, 2008; Oliveira Baptista, 1993, 2006; Rodrigo, 2003
[5] E.g. Figueiredo, 2011; Nave, 2003
[6] E.g. Bell, 2006; Figueiredo, 2003; Figueiredo e Raschi, 2012; Halfacree, 2006; Potter e Burney, 2002
[7] E.g. Ferrão, 2000; Figueiredo, 2003, 2008; Nave, 2003

das tradições e memórias[8] e do património construído e heranças culturais[9]. Estes territórios têm sido caracterizados como estando 'para além da agricultura'[10] e como sendo, atualmente, espaços 'mais produzidos que produtivos'[11].

Muitos dos territórios rurais nacionais, e uma vez mais sobretudo os mais frágeis e remotos, podem ser atualmente considerados como 'idílios consumíveis', para usar a expressão de Halfacree (2006: 57), opondo-se diretamente às áreas de grande produtividade e competitividade agrícola que, em Portugal, nem sequer são já coincidentes com o rural[12]. Estes 'idílios consumíveis' são, ao mesmo tempo, áreas de baixa densidade, vulneráveis, periféricas e frágeis caracterizadas por processos e dinâmicas de declínio, como o envelhecimento da população, o despovoamento, o reduzido capital social, a ausência de equipamentos e serviços e de oportunidades de emprego[13]. A profundidade e a diversidade destas transformações colocam muitos dos territórios rurais numa espécie de 'crise de identidade'[14] ou numa situação de 'esquizofrenia funcional'[15] que está longe de estar completamente compreendida e permanece, em grande medida, inexplorada.

Ao mesmo tempo que os territórios rurais se transformam, modificam-se igualmente as representações e os discursos sociais (e também institucionais) que sobre ele se constroem. Uma tripla visão e narrativa parecem ter emergido daquelas transformações: i) o rural como espaço de crise e de abandono; ii) o rural como espaço produtivo e de produtividade e iii) o rural como espaço reconfigurado e, de certo modo, revalorizado. Na primeira perspetiva, os territórios rurais são qualificados como menos desenvolvidos e plenos de necessidade de mudança. Na segunda, estes territórios surgem como palcos de modernização e desenvolvimento agrícola. Finalmente, na terceira visão, o campo é entendido crescentemente como repositório de valores culturais tradicionais e de recursos naturais fundamentais que devem ser protegidos e preservados. Esta última visão tende a ser a dominante, especialmente (ainda que não exclusivamente) em países do norte e do centro da Europa, entre boa parte das populações urbanas que tendem, justamente, a representar os territórios rurais como idílicos e como reserva ambiental e das tradições culturais[16]. Tais representações e discursos têm dado um poderoso contributo para o emergir de novas procuras e de novos consumos – especialmente associados ao turismo e ao recreio e à gastronomia e produtos alimentares 'típicos' e 'de qualidade' – dos territórios rurais.

Estas representações, exteriormente geradas (mas em muitos casos já integradas na promoção dos territórios) tendem a difundir-se progressivamente de forma independente e relativamente desligada das características específicas dos territórios[17] e a ruralidade parece ser cada vez mais um atributo 'desterritorializado' e 'deslocalizado'[18], isto é, sem materialidade e, em certa medida, global. Na sequência da difusão destas imagens e representações do rural e da ruralidade, por outro lado, podemos estar perante o *fim do rural*[19] como espaço dotado de especificidades e como representação associada a territórios particulares. Muito embora a morte do rural (de múltiplas formas) tenha já sido

[8] E.g. Bell, 2006; Figueiredo, 2011; López-i-Gelats, 2009
[9] E.g. Boura, 2002-2004; Matos Fernandes, 2013; Silva, 2012
[10] Marsden, 1995, 1998; Oliveira Baptista, 2006
[11] E.g. Figueiredo, 2011; Figueiredo et al., 2014
[12] Oliveira Baptista *et al*., 2003
[13] E.g. Figueiredo, 2013
[14] Figueiredo, 2008
[15] Figueiredo, 2011
[16] Soares da Silva et al., 2016
[17] Cloke, 2006; Halfacree, 2007; McCarthy, 2008
[18] Figueiredo, 2013; Soares da Silva et al., 2016
[19] Figueiredo, 2011

anunciada desde os anos 70, na atualidade, o seu *fim* reveste-se de contornos completamente diferentes, porque motivado por representações e narrativas urbanas que moldam os processos de reconfiguração e de reestruturação dos territórios[20]. Em grande medida, os territórios rurais com as características que acabamos de descrever são hoje cada vez mais urbanos, quer na sua representação, quer na sua promoção, quer no seu consumo e na sua reinvenção.

De todos estes processos (e alguns mais) procurou dar conta um projeto de investigação, terminado em setembro de 2015, intitulado '*Rural Matters – Significados do rural em Portugal: entre as representações sociais, os consumos e as estratégias de desenvolvimento*', financiado pela FCT (PTDC/CS-GEO/117967/2010) e cofinanciado pelo COMPETE, QREN e FEDER)[21]. Neste projeto analisaram-se, ao longo das últimas três décadas, as representações do rural em Portugal veiculadas pela promoção turística, o cinema, os meios de comunicação social, pelos responsáveis políticos e pelas políticas e estratégias de turismo e de desenvolvimento. Paralelamente, analisaram-se as representações sociais da população portuguesa, a partir da aplicação de um inquérito por questionário (N=1839) e de entrevistas semiestruturadas (N=26). São os resultados destas últimas dimensões de análise que pretendemos, à luz do debatido anteriormente, aqui apresentar, essencialmente fazendo emergir a imagem (ou, mais adequadamente, as imagens) que a população portuguesa possui sobre os territórios rurais nacionais.

Breve nota metodológica e caracterização dos inquiridos e entrevistados[22]

Como referido na secção anterior, as reflexões aqui apresentadas sustentam-se nos dados produzidos a partir de um inquérito por questionário e de uma entrevista semiestruturada aplicados a uma amostra da população portuguesa com mais de 14 anos, realizados no âmbito do projeto *Rural Matters*. A seleção dos inquiridos teve por base os procedimentos da amostra por quotas, tendo em conta os municípios de residência e a sua classificação como predominantemente urbanos, intermédios e predominantemente rurais, a freguesia de residência e a sua classificação (pelo Instituto Nacional de Estatística – INE) como urbana ou rural, a idade e o género. Dos 1 839 inquiridos, 530 facultaram os seus contactos, no sentido de poderem ser entrevistados posteriormente. Com base numa análise hierárquica de *clusters* aos dados dos questionários, foram identificados 5 *clusters* relativamente às representações sobre o rural: os 'anti-idílicos'; os 'derrotistas'; os 'confiantes'; os 'idealistas' e os 'amantes da natureza'[23]. A partir desta identificação, foi possível selecionar os indivíduos a entrevistar (de entre os 530 que se mostraram disponíveis) de forma aleatória e proporcional, respeitando o equilíbrio de género, a distribuição por lugar de residência (região do país e concelho rural, intermédio ou urbano) assim como a idade e os níveis de escolaridade.

As entrevistas semiestruturadas procuraram explorar, de forma detalhada, algumas das questões do inquérito por questionário, particularmente as associadas às representações dos territórios rurais em Portugal. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas com recurso à técnica de análise de conteúdo e utilizando o *software* NVivo 10. Dez entrevistas foram igualmente filmadas e 9 foram utilizadas na realização de um filme-documentário sobre as representações sociais do rural em

[20] Figueiredo, 2011; 2013

[21] Informação completa sobre o projeto, os seus resultados e publicações relativamente a cada uma das dimensões analisadas, pode ser consultada em: http://ruralmatters.web.ua.pt/

[22] Para informação mais detalhada sobre os procedimentos metodológicos adotados, ver Figueiredo (2018); Eusébio *et al*. (2017) e Soares da Silva *et al*. (2016).

[23] Ver Soares da Silva *et al*. (2016), para uma análise detalhada dos cinco *clusters* e do seu significado.

Portugal[24]. Na análise, foram identificadas as principais categorias e valores, verificando-se a frequência de ocorrência de palavras-chave e a associação entre palavras. Neste trabalho, utilizam-se essencialmente as narrativas dos entrevistados, de forma a ilustrar os resultados do inquérito por questionário.

Tanto o inquérito por questionário como o guião da entrevista foram desenhados com base na revisão de uma vasta literatura científica sobre o rural, a ruralidade e as representações sociais, de forma a recolher informação acerca das imagens e discursos sobre o rural, dos consumos do rural, do desenvolvimento rural e, finalmente, das características sociodemográficas dos inquiridos/ entrevistados. O trabalho de aplicação do inquérito por questionário decorreu entre novembro de 2013 e outubro de 2014 e a realização de entrevistas entre janeiro e março de 2015.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos inquiridos (N=1839), por *cluster*

		Clusters						χ^2 (α)
		Cluster 1 – *Os Anti-Idílicos*	**Cluster 2 – *Os Derrotistas***	**Cluster 3 – *Os Confiantes***	**Cluster 4 – Os Idealistas**	**Cluster 5 – *Os Amantes da Natureza***	**Total**	
Idade								105.005(0.000)
	15 a 24 anos	9,1	10,6	9,2	**21,0**	**18,2**	12,8	
	25 a 34 anos	16,0	**28,7**	**32,2**	20,6	22,4	22,9	
	35 a 49 anos	18,8	21,5	**28,7**	18,5	17,1	20,2	
	50 a 64 anos	**24,3**	20,8	17,8	18,9	20,3	21,2	
	65 e mais anos	**31,8**	18,5	12,1	21,0	22,0	22,9	
Género								
	Feminino	53,7	55,5	50,6	59,1	61,4	56,0	7.790(0.100)
	Masculimo	46,3	44,5	49,4	40,9	38,6	44,0	
Estado Civil								
	Solteiro/a	28,8	**41,5**	40,8	41,6	40,9	37,5	55.070(0.000)
	Casado/a	**38,4**	32,6	32,2	33,6	34,3	34,8	
	Vive em União de facto	7,3	10,0	12,1	8,4	9,4	9,0	
	Divorciado(a)/separado(a)	**9,8**	8,3	7,5	7,0	3,1	7,0	
	Viúvo/a	**15,7**	7,5	7,5	9,4	12,2	11,0	
Nível de Escolaridade								
	1º CEB	**25,1**	14,0	8,6	15,4	18,2	17,7	104.887(0.000)
	2º e 3º CEB	**19,1**	10,2	5,7	11,2	11,9	12,9	
	Ensino Secundário	23,9	24,2	20,7	**29,0**	21,7	24,1	
	Ensino Superior	31,9	**51,7**	**64,9**	44,4	48,3	45,2	
Atividade Económica								
	Empregado/a	40,8	50,6	**63,8**	45,1	46,2	47,3	79.851(0.000)
	Desempregado/a	9,6	9,4	8,0	8,7	7,7	9,0	
	Reformado/a	**36,5**	21,9	14,9	24,1	26,6	26,8	
	Estudante	10,0	15,1	10,9	**20,6**	17,5	14,4	
	Doméstico/a	2,5	1,9	1,1	1,4	2,1	2,0	
	Outras situações	0,5	1,1	1,1	0,0	0,0	0,6	
Rendimento Mensal do Agregado familiar	menor ou igual a 500 €	18,6	13,8	10,3	14,2	13,0	14,9	25.114(0.197)
	501 a 1500 €	50,0	44,8	42,6	47,1	45,1	46,6	
	1501 a 2500 €	19,1	23,5	26,5	24,9	26,9	23,1	
	2501 a 3500 £	9,0	11,4	12,5	8,0	8,8	9,8	
	3501 a 4500 €	1,4	4,1	4,4	3,6	3,1	3,1	
	maior ou igual a 4501 €	1,9	2,4	3,7	2,2	3,1	2,4	

[24] O documentário foi realizado por Daniel Amaral e pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=zteW5ieSfZk&feature=youtu.be

Relativamente às características dos inquiridos, 92,4% residem em freguesias urbanas e 7,6% em freguesias rurais. Tal como se pode observar na Tabela 1, a maior parte dos inquiridos tem entre 25 a 34 anos e 65 e mais anos; 56% são do sexo feminino e 44% do sexo masculino. A maior parte dos inquiridos são solteiros (37,5%) ou casados (34,8%). A maioria tem o ensino superior e está empregada. A maior parte dos inquiridos (46,6%) declara ter como rendimento mensal do agregado familiar entre 501 e 1500 euros. Na mesma Tabela, podemos ver a distribuição dos inquiridos, de acordo com as suas características, pelos diferentes *clusters* anteriormente mencionados.

Quanto aos entrevistados, as suas características encontram-se sumariadas na Tabela 2. A maior parte dos entrevistados tem entre 25 e 49 anos, possui o ensino superior e reside em concelhos e freguesias predominantemente urbanos.

Tabela 2 – Perfil sociodemográfico dos entrevistados (N=26), por *cluster*

		Cluster 1 – *Os Anti-Idílicos*	Cluster 2 – *Os Derrotistas*	Cluster 3 – *Os Confiantes*	Cluster 4 – *Os Idealistas*	Cluster 5 – *Os Amantes da Natureza*	Total
Idade							
	15 a 24 anos	0	0	0	1	1	2
	25 a 34 anos	4	2	1	0	1	8
	35 a 49 anos	0	3	1	2	1	7
	50 a 64 anos	3	2	1	0	0	6
	65 e mais anos	1	1	0	1	0	3
Género							
	Feminino	4	4	2	2	1	13
	Masculino	4	4	1	2	2	13
Nível de Escolaridade							
	menor ou igual a 1º CEB	1	1	0	0	0	2
	2º e 3º CEB	1	1	0	0	0	2
	Ensino Secundário	2	1	1	1	1	6
	Ensino Superior	4	5	2	3	2	16
Concelho de Residência							
	Predom. Urbano	6	4	2	2	3	17
	Intermédio	1	2	1	1	0	5
	Predom. Rural	1	2	0	1	0	4
Freguesia de Residência							
	Urbano	6	6	3	3	3	21
	Rural	2	2	0	1	0	5

As representações sociais sobre os territórios rurais em Portugal

Como referido anteriormente, a partir da metodologia e análise explicitada no ponto anterior foram identificados cinco *clusters* no que se refere aos resultados do inquérito por questionário[25]: os 'anti-idílicos'; os 'derrotistas'; 'os confiantes'; 'os idealistas' e os 'amantes da natureza'. Os 'anti-idílicos' constituem a maior fatia da amostra (N=563, 30.6%) e, por referência aos restantes *clusters*, tendem a classificar as áreas rurais portuguesas como espaços anti-idílicos, espaços habitados, sobretudo físicos, e como contextos de atividades económicas.

[25] Para uma análise mais detalhada dos *clusters* e suas características, ver Soares da Silva *et al*. (2016).

Os inquiridos neste grupo referem mais frequentemente a indústria e a construção do que a agricultura e atividades associadas à floresta. Referem igualmente as atividades económicas associadas ao recreio e ao lazer. No que se refere às diversas dimensões das áreas rurais, este grupo tende a referir mais a degradação ambiental e o folclore como sendo característicos daquelas áreas. Há também uma tendência a percecionar as áreas rurais portuguesas, em geral, como espaços desenvolvidos, embora considerando que os governos nacionais, nas últimas décadas, não têm atuado no sentido de melhorar os contextos socioeconómicos rurais. Este *cluster* é constituído pelos inquiridos mais idosos, reformados e com baixos níveis de escolaridade. O discurso dos entrevistados neste *cluster* é elucidativo, sobretudo da degradação ambiental e da pouca relevância da atividade agrícola:

> *«Poucas porque... Algumas estão abandonadas. E mal cuidadas porque muitas das áreas rurais não são tratadas nem pelos proprietários nem pelo Estado. Portanto, não há aqui uma entidade que dê alguma importância, e daí os fogos e aqueles problemas todos decorrentes, e a escassez de alimentos, que eu acho que apesar de se achar que não, eu acho que ela existe, de alguma maneira.»* (LIS-O-204).

> *«Portanto eu estive... Estive em zonas de paisagem protegida, e por acaso fiquei um bocadinho chocado com... com a degradação a que estão [condenados] muitos desses serviços. E também fiquei chocado com outra coisa: com a falta de visibilidade desses, desses espaços públicos. São mesmo edifícios… são edifícios que estão completamente abandonados, com algumas pessoas, mas que não têm visitas.»* (LIS-O-089).

As narrativas dos entrevistados no primeiro *cluster* têm, aliás, alguns pontos em comum com as representações dos inquiridos e entrevistados no grupo dos 'derrotistas', o segundo mais frequentado da amostra (N=530, 28.8%). Os inquiridos neste grupo são aqueles que, com maior frequência, descrevem as áreas rurais como desfavorecidas e como palco para atividades agrícolas e florestais em processo de abandono e declínio. De facto, muito embora apontem as oportunidades para o turismo e o recreio, a representação dominante é a do atraso e do subdesenvolvimento do rural português, sendo a agricultura representada também como abandonada, a população como envelhecida e a natureza como degradada. Estas representações bastante negativas persistem quando consideramos o futuro das áreas rurais portuguesas, já que os inquiridos 'derrotistas' consideram que as mesmas continuarão abandonadas e subdesenvolvidas, com perdas populacionais e de dinâmicas socioeconómicas. Os inquiridos neste *cluster* são aqueles que mais frequentemente têm um progenitor oriundo de áreas rurais. São relativamente jovens (de 25 a 34 anos) e com níveis de escolaridade elevados. O abandono do mundo rural português como representação generalizada entre os inquiridos deste *cluster* é confirmado pelos discursos dos entrevistados:

> *«Porque em Portugal (…) é com tristeza que o digo, que acho que não são valorizadas o suficiente e por isso acabam por ser abandonadas, porque as pessoas não conseguem arranjar forma sustentável de viver nessas zonas e acabam por ter que as abandonar, mesmo que sejam suas, mesmo que pertençam às suas famílias, por exemplo, e têm de ir para as cidades para arranjar sustento*.» (AVR-O-010).

> *"Conheço um bocado do país e é um facto que são áreas que estão cada vez mais a ser esvaziadas. Por exemplo, serviços públicos, portanto isso não dá para as pessoas se fixarem, não é? Quem quiser organizar a sua vida, ter filhos, não sei quê, não tem escolas... Estão a tirar os correios, os tribunais... (…) E depois são todos os encargos que começam agora a cair sobre as pessoas, agora também... Mas dantes não, talvez não caíssem... Estes novos impostos agora sobre pequenos e médios agricultores, às vezes pequeníssimos agricultores que querem vender 30 quilos de batatas (…) Que inibem, de facto, este tipo de práticas. Portanto, não há incentivos para as pessoas se fixarem fora das cidades. Para trabalhar, para estudar, para viver, no fundo. Esse é que é o problema.» (*LIS-O-035).

'Os confiantes' (N=174, 9.5%) constituem o *cluster* mais reduzido. Trata-se de inquiridos que representam, mais frequentemente, as áreas rurais como espaços de transformação positiva e de desenvolvimento, assim como lugares propícios para o turismo e o recreio. Embora considerem a agricultura como uma atividade abandonada e negligenciada, enfatizam a abundância de recursos naturais e as oportunidades que os territórios rurais nacionais possuem para a promoção de processos de modernização e de transformação associados ao desenvolvimento socioeconómico. Os inquiridos neste grupo têm entre 25 e 49 anos, estão empregados e possuem níveis de escolaridade elevados. As suas narrativas são muito positivas no que se refere ao potencial destes territórios, tanto no presente como no futuro e constituem o grupo mais entusiasta no que se refere ao consumo de produtos agroalimentares locais e à prática de atividades de recreio e lazer em contextos rurais:

> «*Sim, acho que o potencial está lá, no solo, não é? Não sei, em termos de... de produção agrícola, poderá não haver aquela exploração exaustiva, não é, mas... Acho que... E acho que devia... se calhar haver uma aposta na qualidade, na qualidade, mais na qualidade do que na quantidade.*» (POR-O-016).

> *«Eu acho sinceramente que Portugal tem… ainda podia fazer muito mais em relação à economia, se explorasse melhor as áreas rurais. Acho que são muito importantes, acho que nós temos muito para explorar em termos... Temos um ótimo clima, temos uma ótima localização, tanto exportação como importação, portanto acho que são uma grande mais-valia, mas eu acho que isto deve estar mais diretamente ligado... Portanto, a compromissos de, de legislação e coisas assim, que desconheço.»* (LIS-O-221).

O quarto *cluster* é formado pelos 'idealistas' (N=286, 15.6%) que, como a própria designação indica, tendem a representar as áreas rurais nacionais de uma forma idealizada e idílica, qualificando-as como espaços de bem-estar, possuidoras de um conjunto de atividades e serviços neste domínio. Apesar de referirem igualmente o declínio populacional, enfatizam a beleza das paisagens, a conservação da fauna e da flora e das tradições culturais, os alimentos mais saudáveis e as aldeias típicas. Os inquiridos neste *cluster* são geralmente jovens (25 a 34 anos), estudantes e pessoas que completaram o ensino secundário. Distinguem-se dos outros *clusters* também por considerarem geralmente positiva a intervenção dos governos nacionais nestes territórios (apoiando a agricultura e o turismo, preservando o património construído e as tradições culturais) e por apontarem o desenvolvimento das atividades turísticas e de recreio como sendo o futuro de muitas áreas rurais em Portugal:

> *«Em todos os aspetos. Questão alimentar... Porque as pequenas cidades, na proximidade das pequenas cidades, as vidas já são boas... Tiram do campo a maioria do sustento, menos alguns farináceos que não conseguem tirar, mas de resto, conseguem tirar quase tudo... E não têm a confusão que tem a cidade, também, redução do stress.» (*LIS-O-184).

> *«Digamos que são sociedades... São sociedades... Como estão afastadas, digamos, de meios maiores, é o sossego, a alimentação saudável, porque ainda são locais onde ainda temos acessos, digamos, aos produtos naturais conforme vêm da terra. E quanto ao contacto com a natureza, porque realmente são meios, são bastante, normalmente são meios mais isolados. E portanto... O contacto com a natureza é mais natural e fácil, não é?» (*LIS-O-151).

> *«E depois para mim, para mim individualmente, não só as minhas filhas, o que eu acho que, também, para mim é ter... Acho que é ter... Acho que é uma vida menos stressante, menos acelerada, e onde podemos apreciar melhor, eu tenho ideia que o tempo até passa mais devagar, não é? Passa de forma diferente...»* (LIS-O-013).

Também os 'amantes da natureza' (N=286, 15.6%) – os inquiridos que integram o último *cluster* identificado – enfatizam, justamente, as paisagens naturais e a diversidade de recursos naturais como a principal característica das áreas rurais nacionais. Relacionam com frequência a agricultura, a floresta e o turismo aos contextos rurais e, geralmente, não consideram positiva a intervenção dos governos nacionais ao longo das últimas décadas. São indivíduos geralmente jovens e possuem poucas

ligações aos territórios nacionais. Para eles, as áreas rurais são essencialmente espaços privilegiados para a produção de alimentos, espaços de transformação socioeconómica, mas, sobretudo, espaços com paisagens notáveis que podem sustentar o desenvolvimento de atividades associadas ao turismo de natureza.

> *«Porque hoje em dia também o contacto com... com a natureza começa a ser tão raro que... esse tipo de turismo acho que se valoriza mais. A tranquilidade, o verde... O contacto com os animais, a pecuária também, temos criancinhas... as crianças mais pequenas têm maior gosto, levam os pais a aderir ao turismo rural.»* (POR-O-024).

> *«Turismo... Turismo, porque cada vez mais as aldeias são aproveitadas para mostrar o que há de bom, ou pouco de bom, em Portugal. E a agricultura, por ser um espaço onde a terra é trabalhada*.» (MAF-P-16).

Conclusão – O Rural em Portugal: entre o abandono e o idílio

Os cinco *clusters* identificados a partir dos resultados do inquérito por questionário aplicado no âmbito do projeto *Rural Matters* demonstram, tal como – ainda em maior grau – as entrevistas efetuadas, a ausência de homogeneidade no que se refere às representações sociais sobre o rural em Portugal, na mesma linha de alguns estudos realizados a nível internacional[26]. Os resultados evidenciam igualmente a existência de contradições dentro (e entre) cada um dos grupos identificados.

À exceção dos 'anti-idílicos', todos os outros *clusters* partilham algumas características no que diz respeito às potencialidades das áreas rurais, particularmente em termos de turismo e recreio e conservação da natureza. Estes dados estão em consonância com a conclusão de Pospěch (2014) de que não existe uma contradição fundamental entre as representações sociais do rural simultaneamente como idílico e como desfavorecido, uma vez que os aspetos associados ao desfavorecimento e abandono são muitas vezes parte daquilo que os indivíduos representam como a 'vida rural' e, neste sentido, parte do idílio rural. Os dados – especialmente os obtidos a partir das entrevistas onde as contradições e sobreposições entre tipos de representações são mais evidentes – demonstram, assim, que as representações sociais dos territórios rurais em Portugal, congregam frequentemente duas dimensões: por um lado, o rural como espaço abandonado, negligenciado e 'pré-moderno' e, por outro, o rural valorizado como espaço idílico precisamente devido à persistência dos sinais da sua 'pré-modernidade'. De facto, em Portugal o rural é representado simultaneamente de forma positiva e negativa, conjugando – na mesma narrativa e representação – visões de abandono, isolamento e desfavorecimento e noções de bem-estar, tranquilidade, oportunidades de aprendizagem, maior e mais recompensador contacto com a natureza, segurança e permanência de um certo estilo de vida, de tradições, de pureza e de potencialidades económicas e de desenvolvimento.

Apesar das sobreposições e contradições observadas no que se refere às representações sociais do rural em Portugal, torna-se evidente, pelos dados anteriormente apresentados, o predomínio de uma visão sobretudo negativa (protagonizada pelos 'anti-idílicos' e, sobretudo, pelos 'derrotistas') o que contrasta com as conclusões de estudos conduzidos na Europa central e do norte, que apontam, tal como discutido antes, para a hegemonia de uma representação idílica dos territórios rurais. Por outro lado, e uma vez mais à exceção dos 'anti-idílicos', pela evidência empírica aqui analisada, é possível concluir também pela representação do rural como espaço essencialmente vocacionado, na atualidade, para o consumo, especialmente através das atividades de turismo e de recreio, na linha

[26] E.g. Rye, 2006

das tendências de desenvolvimento observadas tanto em Portugal como em outros países da Europa[27]. Tal representação do rural como espaço de consumo inclui igualmente, em alguns dos *clusters* (especialmente dos 'amantes da natureza' e dos 'idealistas') as funções ambientais e de preservação das tradições, memórias e heranças culturais.

Da evidência empírica analisada, torna-se evidente que o rural, embora ainda identificado com a atividade agrícola, não é representado como sendo um espaço agrícola e produtivo. A agricultura parece ser sobretudo representada como pobre, marginal e abandonada, contribuindo assim para a formação de uma representação negativa dos territórios rurais, sendo substituída (para a maioria dos inquiridos e dos entrevistados) progressivamente por atividades de turismo e de lazer. Assim, não é surpreendente que o único *cluster* que aponta a relação positiva entre agricultura e desenvolvimento rural – 'os confiantes' – seja precisamente o de menor dimensão. A agricultura não parece, também, ocupar um papel relevante na visão idílica do rural protagonizada pelos 'idealistas' e pelos 'amantes da natureza' que tendem a enfatizar mais o papel dos territórios rurais como espaços de bem-estar, tranquilidade e recreio e, especialmente no caso do último *cluster*, como espaço de conservação da natureza e diversidade de recursos naturais. Algumas das características dos dois últimos *clusters* referidos, especialmente dos 'idealistas', inscrevem-se na perspetiva de revalorização do rural, debatida na primeira secção deste texto, que está subjacente às novas procuras e consumos turísticos deste espaço, essencialmente por parte das populações urbanas. Estas representações têm igualmente vindo a ser reforçadas pelo cinema, meios de comunicação social e, particularmente, pela promoção turística[28].

A análise das representações sociais sobre o rural em Portugal aponta, como já referido, para uma visão que, ainda que não homogénea, é predominantemente não idílica, ao mesmo tempo contrariando estudos anteriores conduzidos em países anglo-saxónicos e do centro e norte da Europa[29] e evidenciando a necessidade de analisar contextos mais periféricos nos quais, aparentemente, a diversidade de representações é substancialmente mais elevada e as representações não são tão positivas[30]. A heterogeneidade (e as contradições) observada nas representações sociais sobre o rural, em Portugal, parece poder ser atribuída – dada também a sua escassa relação com as variáveis sociodemográficas dos entrevistados – à diversidade de áreas rurais nacionais, apesar dos seus padrões comuns de declínio; às ainda fortes ligações que a população portuguesa mantém com os territórios rurais[31]; à influência da ideologia 'ruralista' do Estado Novo, essencialmente nas gerações mais idosas[32]; assim como à continuada e persistente negligência política a que as áreas rurais têm sido votadas[33] que continua a contribuir para a construção e persistência de uma imagem de abandono e 'atraso' do rural entre a opinião pública nacional.

[27] E.g. Bell, 2006; Figueiredo, 2003, 2013; Figueiredo e Raschi, 2012; Halfacree, 2006; Potter e Burney, 2002
[28] Bell, 2006; Capela e Figueiredo, 2014; Figueiredo *et al*., 2014; Figueiredo *et al*., 2015
[29] E.g. Halfacree, 1995; Halfacree *et al*., 2002
[30] E.g. Overbeek e Terluin, 2006
[31] Oliveira Baptista, 2006
[32] Mansinho e Schmidt, 1997
[33] Figueiredo, 2013

Referências bibliográficas

Barreto, A., 2000. Portugal e a Europa: quatro décadas. In: Barreto, A. (org.) *A Situação Social em Portugal (1960-1999),* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 37-76.

Bell, D., 2006. Variations on the rural idyll. In: Cloke, P., Marsden, T. e Mooney, P. H. (eds.): *Handbook of Rural Studies*, London, Sage, pp. 149-160.

Boura, I., 2002-2004, Património e mobilização das comunidades locais: das aldeias históricas de Portugal aos contratos de aldeia. *Cadernos de Geografia* 21-23, pp. 115-126.

Capela, C. e Figueiredo, E., 2014. 'Mergulhar num mundo mágico' – a promoção do rural em três Redes de Aldeias em Portugal. Turismo & Desenvolvimento (*Journal of Tourism and Development*) 21/22(2), pp. 377-389.

Cloke, P., 2006. Conceptualizing rurality. In: Cloke, P., Marsden, T. e Mooney, P. H. (eds): *Handbook of Rural Studies*, Londres, Sage, pp. 18-27.

Covas, A., 1999. *As Amenidades Rurais: Um Contributo para o Desenvolvimento das Zonas Desfavorecidas*, Lisboa: Direcção Geral do Desenvolvimento Rural.

Eusébio, C.; Carneiro, M. J.; Kastenholz, E.; Figueiredo, E. e Soares da Silva, D. 2017. Who is consuming the countryside? An activity-based segmentation analysis of the domestic rural tourism market in Portugal. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 31, pp. 197-210.

Ferrão, J., 2000. Relações entre Mundo Rural e Mundo Urbano: Evolução Histórica, Situação Actual e Pistas para o Futuro. Revista *EURE* Vol. XXVI, 78, pp. 123-130.

Figueiredo, E., 2003. Um Rural para Viver, outro para Visitar: o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais. Tese de doutoramento, Aveiro, Universidade de Aveiro.

Figueiredo, E., 2008. Imagine there's no rural – The transformation of rural spaces into places of nature conservation in Portugal. *European Urban and Regional Studies* 15(2), pp. 159-171.

Figueiredo, E., 2011. Um rural cheio de futuros? In: Figueiredo, E. *et al*. (eds.): *O Rural Plural - olhar o presente, imaginar o futuro*, Castro Verde, 100Luz, pp. 13-46.

Figueiredo, E., 2013. McRural, No Rural or What Rural? – Some reflections on rural reconfiguration processes based on the promotion of Schist Villages Network, Portugal. In: Silva, L. e Figueiredo, E. (eds.): *Shaping Rural Areas in Europe: Perceptions and Outcomes on the Present and the Future*, Dordrecht, Springer, pp. 129-146.

Figueiredo, E. e Raschi, A., 2012. Immersed in Green? Reconfiguring the Italian countryside through rural tourism promotional materials. In: Hyde, K., Ryan, C. e Woodside, A. (eds.*): Field Guide for Case Study Research in Tourism, Hospitality and Leisure*, Bingley, Emerald Group Publishing Limited, pp. 17-44.

Figueiredo, E., Pinto, C., Soares da Silva, D. e Capela, C., 2014. 'No country for old people'. Representations of the rural in the Portuguese tourism promotional campaigns. AGER – *Journal of Depopulation and Rural Development Studies* 17, pp. 35-64.

Figueiredo, E., Fernandes, J. L., Duque, A. S. e Soares da Silva, D., 2015. *Rural Portugal in the Movies – between preservation and change*. Re-imagining Rurality: Conference and Exhibition. 27-28 February 2015, Faculty of Architecture and the Built Environment, University of Westminster, London.

Halfacree, K., 2006. Rural Space: Constructing a Three-Fold Architecture In: Cloke, P., Marsden, T. and Mooney, P. H. (eds.): *Handbook of Rural Studies*, Londres, Sage, pp. 133-148.

Halfacree, K., 2007. Trial by space for a 'radical rural': Introducing alternative localities, representations and lives. *Journal of Rural Studies* 23(2), pp. 44-63.

Jollivet, M., 1997. Des campagnes paysannes au rural 'vert': naissance d'une ruralité postindustriel. In: M. Jollivet (ed.): *Vers un Rural Postindustriel – Rural et Environnement en Huit Pays Européens*. Paris, L'Harmattan, pp. 77-126.

López-i-Gelats, F., Tàbara, J. D. e Bartolomé, J., 2009. The rural in dispute: Discourses of rurality in the Pyrenees. *Geoforum* 40(4), pp. 602-612.

Mansinho, M. I. e Schmidt, L., 1997. Réinventer le rural par l'environnement'. In: Jollivet, M. (ed.): *Vers un Rural Postindustriel – Rural et Environnement en Huit Pays Européens*, Paris, L'Harmattan, pp. 226-308.

Matos Fernandes, A., 2013. The rurality reinvention discourse: urban demands, expectations and representations in the construction of an urban rurality project. In: Silva, L. e Figueiredo, E. (eds.): *Shaping Rural Areas in Europe – Perceptions and Outcomes on the Present and the Future*, Dordrecht: Springer, pp. 213-226.

McCarthy, J., 2008. Rural geography: Globalizing the countryside. *Progress in Human Geography* 32 (1), pp. 129-137.

Marsden, T., 1995. Beyond agriculture? Regulating the new rural spaces. *Journal of Rural Studies*, 11, pp. 285-296.

Marsden, T., 1998. Economic perspectives. In: B. Ilbery (ed.): *The Geography of Rural Change*, Harlow, Longman, pp. 13-30.

Moreno, L., 2007. *Desenvolvimento Territorial - de um sentido ocidental às orientações coesivas para um meio rural inovador: Caminhos e Caminhantes*. Lisboa: Edição do autor.

Mormont, M., 1994. La agricultura en el espacio rural europeo. *Agricultura y Sociedad* 71, pp. 17-49.

Nave, J. G., 2003. O rural e os seus duplos. In: Portela, J. e Castro Caldas, J. (eds.): *Portugal Chão*. Oeiras: Celta Editora, pp. 129-148.

Oliveira Baptista, F., 1993. *Agricultura, Espaço e Sociedade Rural*. Coimbra, Fora do Texto.

Oliveira Baptista, F., 1996. Declínio de um tempo longo. In: Pais de Brito, J., Oliveira Baptista, F. e Pereita, B. (eds.): O Voo do Arado, Lisboa, MNE, pp. 35-75.

Oliveira Baptista, F., 2006. O rural depois da agricultura. In: Fonseca, M. L. (ed.): *Desenvolvimento e Território – Espaços Rurais Pós-agrícolas e os Novos Lugares de Turismo e Lazer*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp. 85-100.

Oliveira Baptista, F. *et al*. 2003. *Portugal: Territórios e Dinâmicas*, Lisboa, MADRP, GPPA.

Overbeek, M. e Terluin, I.J. 2006. *Rural Areas Under Urban Pressure – Case studies of rural-urban relationships across Europe*, Wageningen, Lei.

Portela, J., 2003. Portugal-Chão: que futuro futurível? In: Portela, J. e Castro Caldas, J. (eds.): *Portugal Chão*. Oeiras, Celta Editora, pp. 3-33.

Pospěch, P., 2014. Discursive no man's land: analysing the discourse of the rural in the transitional Czech Republic. *Journal of Rural Studies* 34, pp. 96-107.

Potter, C., e Burney, J., 2002. Agricultural multifunctionality in the WTO—legitimate non-trade concern or disguised protectionism? *Journal of Rural Studies* 18(1), pp. 35-47.

Rodrigo, I., 2003. A questão ambiental nos territórios rurais e nas agriculturas da União Europeia. In Portela, J. e Caldas, J. (eds.): *Portugal Chão*, Oeiras: Celta Editora, pp. 167-187.

Rolo, J., 1996. Imagens de meio século da agricultura portuguesa. In: Pais de Brito, J., Oliveira Baptista, F. e Pereita, B. (eds.): *O Voo do Arado*, Lisboa, MNE, pp. 77-160.

Rye, J. F., 2006. Rural youths' images of the rural. *Journal of Rural Studies* 25, pp. 409-421.

Silva, L., 2012. Built heritage-making and socioeconomic renewal in declining rural areas: evidence from Portugal. *Etnográfica* 16(3), pp. 487-510.

Soares da Silva, D., Figueiredo, E., Eusébio, C. e Carneiro, M. J. 2016. The countryside is worth a thousand words – Portuguese representations on rural areas. *Journal of Rural Studies*, 44, pp. 77-88